



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO
PARANÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA
ANALÍTICA**

MARIA DANÚZIA CARVALHO PROENÇA

SONHOS, RELIGIÃO E PSICOLOGIA ANALÍTICA

**Curitiba / PR
2008**

MARIA DANÚZIA CARVALHO PROENÇA

SONHOS, RELIGIÃO E PSICOLOGIA ANALÍTICA

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Psicologia Analítica da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Campus Prado Velho, como requisito à obtenção do título de especialista.

Orientador: Prof. Nélio Pereira da Silva, CRP 08 / 0016

**Curitiba / PR
2008**

MARIA DANÚZIA CARVALHO PROENÇA

SONHOS, RELIGIÃO E PSICOLOGIA ANALÍTICA

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Psicologia Analítica da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Campus Prado Velho, como requisito à obtenção do título de especialista.

COMISSÃO ORGANIZADORA

Prof.

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Prof.

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Prof.

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

**Curitiba / PR
2008**

RESUMO

Analisar o sonho, principal agente do sono, buscando melhor compreender os motivos que fizeram com que o mesmo fosse relegado a segundo plano, ao esquecimento, ou pior ainda, passasse a ser encarado trabalho de charlatão interpretar o significado do que foi sonhado, essa é a proposta do presente estudo. Fazendo uma modesta revisão de literatura sobre os sonhos, encontramos em vários períodos da história e em culturas completamente diferentes entre si, o tema "sonho" aparecer com encantamento, mas também como uma incógnita. Constatamos que as mesmas perguntas repetem-se ao longo dos séculos: Qual a finalidade do sonho, existe por capricho ou necessidade, são enviados por deuses ou demônios, podemos acreditar neles ou não? Diversos estudos foram e outros estão sendo realizados buscando uma resposta satisfatória, e nesta busca observamos o afastamento dos povos do ocidente em relação ao onírico, mais especificamente entre os cristãos, que foram encorajados pela igreja a não valorizar os sonhos. Surge então uma nova ciência, a psicologia, e com ela ressurgue a proposta de resgatar esta preciosa fonte de informações que nos é entregue enquanto dormimos, e que ao longo de nossas vidas, enquanto caminhantes da jornada terrena nos auxiliará promovendo nosso auto-conhecimento, rumo à individualização.

Palavras-chave: sono, sonho, religião, psicologia, auto-conhecimento.

ABSTRACT

To analyse the dream, the main agent of sleep, searching to better understand the reasons that made it be placed at the second flat, to oblivion, or worse, to be considered as charlatan work to interpret the meaning of what was dreamed, this is the proposal of this study. Making a modest review of literature about dreams, we've found in many periods of the history and in completely different cultures the theme "dream" appearing as enchantment, but also as a mystery. We've verified that the same questions are repeted over the centuries: What is the reason of the dream, there is a need or it's just a whim, are sent by gods or demons, can we believe in them or not? Several studies have been made and others are still being to find a satisfactory answer, and in this search we observed the removal of the western people in relation to dreams, especially among Christians, that were encouraged by the church to not valorize the dreams. Appear then a new science, psychology, and with it reappear the proposal to redeem this valuable source of information that is given to us while we sleep, and that throughout our lives, while walkers of the day it will help us promoting our self-knowledge, toward individualization.

Keywords: sleep, dream, religion, psychology, self-knowledge.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	06
2. SONHOS E RELIGIÃO.....	21
3. SONHOS E PSICOLOGIA ANALÍTICA.....	38
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	49

1. INTRODUÇÃO

Sonhar

**Sonhar é transportar-se em asas de ouro e aço
Aos páramos azuis da luz e da harmonia;
É ambicionar o céu; é dominar o espaço,
Num vôo poderoso e audaz da fantasia.**

**Fugir ao mundo vil, tão vil que, sem cansaço,
Engana, e menospreza, e zomba, e calunia;
Encastelar-se, enfim, no deslumbrante paço
De um sonho puro e bom, de paz e de alegria.**

**É ver no lago um mar, nas nuvens um castelo,
Na luz de um pirilampo um sol pequeno e belo;
É alçar, constantemente, o olhar ao céu profundo.**

**Sonhar é ter um grande ideal na inglória lida:
Tão grande que não cabe inteiro nesta vida,
Tão puro que não vive em plagas deste mundo.**

Helena Kolody

“Há quinhentos anos, um grupo de corajosos exploradores cruzou o oceano em busca de um novo continente, uma terra misteriosa, oculta por um mar nunca explorado do qual não existia mapa algum. Nesses tempos muitos eram aqueles que consideravam tais viagens uma perda de tempo e de recursos. De fato, a civilização até então tinha evoluído durante séculos sem este tipo de exploração.

Contra todos os prognósticos, este grupo de exploradores arriscou-se a prosseguir, atraídos pelo desconhecido, por uma intensa vontade de descobrir. Abandonaram a comodidade dos seus lares para embarcar numa viagem além dos horizontes conhecidos. Enfrentando os seus medos e as suas dúvidas, assim como os da sociedade, mantiveram-se firmes no seu objetivo até que finalmente alcançaram a sua meta, a sua descoberta.

Atualmente encontramos-nos perante um idêntico tipo de exploração: temos um oceano de energia por explorar à espera de ser conquistado por quem possua a visão e o valor suficientes para ir mais além dos seus horizontes físicos. Como no passado, a visão do explorador deve superar a fronteira física. Da mesma forma que anteriormente, o explorador deve possuir o impulso e tomar a decisão de viajar para além dos limites conhecidos pela sociedade e pela ciência. Deve viajar sozinho, longe das massas que se agarram com tudo o que podem à segurança da terra firme.

Hoje, assim como no passado, um único motivo impulsiona os exploradores: a necessidade de descobrir por si mesmos, porque aceitar algo que não seja um conhecimento em primeira mão será render-se às idéias e às suposições de quem só conhece a terra sólida.

Neste momento, cada um de nós tem a oportunidade de ir mais além das fronteiras do universo físico e de se converter num explorador. Todos podemos partilhar esta fantástica aventura." (Traduzido do prefácio de "Adventures Beyond the Body" de William Buhlman) Site 1

Este breve estudo propõe a tentativa de compreender o lugar ocupado pelo sonho na atualidade, fazendo um paralelo com a religião, que sempre o valorizou desde as mais remotas eras e agora o desconhece, e a sua importância para a psicologia analítica, visto que o sonho têm papel relevante para a análise e para o auto-conhecimento do paciente.

Hall nos auxilia nesta busca por compreender os sonhos fazendo uma ligação entre duas realidades inseparáveis:

"Em todas as religiões e em todas as civilizações antigas, os sonhos têm sido considerados uma importante via de ligação entre o mundo cotidiano e outro mundo – o mundo espiritual, o mundo dos deuses, o reino arquetípico; em linguagem moderna, o inconsciente." (2003, p. 119)

Todos os fenômenos que são vivos e dinâmicos e não se enquadram às fórmulas tradicionais já estabelecidas, encontram-se enredados em mistérios e situações inexplicáveis, assim também ocorre com os sonhos, eles não podem mais ser interpretados como fantasias nem permanecer reduzidos às fórmulas e explicações mecanicistas que guiaram a velha ciência. A rapidez com que está se

desenvolvendo a área científica necessita com urgência de um novo paradigma, e a academia lentamente está aceitando a probabilidade do imponderável, que nem tudo pode ser explicado racionalmente e que a dinâmica e o mistério da vida está por ser descoberto.

Utilizando o saber de Edinger, e sua definição sobre a importância atribuída à psicologia, nos diz que uma nova era está iniciando, e que convenções e convicções estão sendo colocadas à prova e remodeladas:

“A descoberta da psicologia profunda no século XX é, na minha opinião, pelo menos tão importante quanto, e igual em grandeza à descoberta da física nuclear. Vejam o que aconteceu. Por milhares de anos, a humanidade possui o conceito de alma, de psique, de uma consciência elementar de que a subjetividade humana é um fator muito importante, mas a humanidade estava tão próxima a essa realidade que não conseguia tratá-la de maneira empírica ou científica. A imagem que gosto de usar é de um peixe nadando numa lagoa. Existe uma anedota agradável, uma anedota oriental, que chegou a mim certa vez. O mestre Zen pergunta ao aprendiz: “Quem descobriu a água? O aprendiz não sabe, então o mestre responde: “Bom, eu também não sei, mas sei quem não descobriu: o peixe.” Como vocês podem ver, os seres humanos estão exatamente na mesma posição em relação à psique. Eles vivem dentro dela... E foi isso que abriu as portas para o estudo científico da psique. Essa é realmente uma enorme revolução copernica que ainda mal começou a penetrar na consciência coletiva” (2004, p. 14 - 15)

Whitmont reforça este alerta ao dito mundo moderno, onde prevalece o racional, o método exato, pleno de saber científico, ao dizer que:

“Na nossa época, este racionalismo extrovertido chegou a tal extremo que já se comentou que “não apenas o mundo ocidental mas a humanidade como um todo corre o risco de perder sua alma para as coisas externas da vida. Nossas forças extrovertidas do intelecto estão preocupadas com a alimentação adequada, com os cuidados higiênicos das regiões subdesenvolvidas do mundo, assim como com a elevação do nosso padrão de vida, que as funções irracionais, o coração e a alma, estão cada vez mais ameaçados de atrofia”. Alguns dos resultados desta ênfase unilateral são as neuroses individuais e de massa que encontramos atualmente, com o perigo sempre presente de erupções explosivas. Os vícios do álcool, dos narcóticos e das “drogas para expansão da mente” também expressam uma busca de experiências emocionais que se perderam no decorrer da nossa extrema intelectualização. Mas não é apenas o vício do álcool e das drogas; o “vício do trabalho”, a “doença do gerente”, a necessidade compulsiva de sempre se ter algo para fazer a fim de parecer ocupado, também indicam a incapacidade do homem moderno de encontrar sentido na vida.” (2002, p.17)

A importância dos sonhos que se perdera com o passar do tempo, e a absorção de dogmas religiosos incentivando seu abandono, fez com que eles passassem a ser desencorajados de ser interpretados e até mesmo de serem reconhecidos como algo de valor pessoal, os sonhos passaram a ser vistos como manifestações simplórias e desprovidas de qualquer sentido de lógica, porém, no início do século XX, um médico já então reconhecido por seu trabalho publicou um livro sobre sonhos, e como narra o professor, psicólogo e padre episcopaliano Kelsey:

“Sigmund Freud publicou *A Interpretação dos Sonhos* em 1900. Aí se mapeava um modo de explorar a relação do sonho com o inconsciente humano. É difícil dar a real dimensão da importância de seu trabalho, mesmo sabendo que o próprio Freud tinha consciência disso, pois enfatizara mais de uma vez que a publicação de seu livro fora sincronizada para coincidir com o início de uma nova era. Claro que ele não foi o primeiro a falar na existência do inconsciente, e na importância dos sonhos a partir do ponto de vista científico. Mas foi o primeiro a relacionar essa duas dimensões e a realizar um estudo empírico de fôlego sobre o assunto, escrevendo com clareza e, na verdade, com força tão convincente que suas opiniões não poderiam ser ignoradas...Entretanto, Freud encontrou pouco mais que desprezo entre os próprios colegas de profissão. Só depois de oito anos é que se esgotou a primeira edição de seiscentos exemplares de *A Interpretação dos Sonhos*. Embora fosse difícil ignorar o que dizia, suas idéias eram ridicularizadas, e por muito tempo esse tipo de riso se constituiu em boa defesa contra a sua contribuição.” (1996 , p. 270, 271)

Para falar sobre os sonhos e sua relevância temos que falar primeiramente sobre o sono, e diferentemente do que muitos ainda pensam, o sono não é um estado passivo, inerte, “uma quase morte”, nosso cérebro continua a pleno vapor trabalhando neste período em que nosso corpo físico descansa.

No ano de 1937, Alfred Loomis, fisiologista na universidade de Princeton, estudou imagens de um indivíduo dormindo num aparelho novo, o eletrencefalograma (EEG), e descobriu que o cérebro não descansava, ele permanecia ativo. Loomis detectou uma intensa atividade elétrica noturna no cérebro de seus pacientes, comparou-o a um dínamo e concluiu que o sono se desenvolve em fases com frequência elétrica diferente em cada uma delas. Mais tarde isso permitiria distinguir as cinco etapas do sono conhecidas atualmente.

Somente agora, transcorridos 70 anos da descoberta, é que os cientistas começaram a fazer uso das conclusões de Loomi para procurar entender a

correlação do sono, o caminho do aprendizado e a sua fixação na memória. Sabemos que continuamos aprendendo durante o sono, separando o que é bom e permanecerá em nossa memória e o que não é bom nem importante será descartado.

O sono é um processo biológico, e durante o período que dormimos ocorre uma abolição da consciência vígil, as respostas dadas ao meio ambiente são reduzidas ao mínimo, porém acompanhadas por mudanças em diversas funções no nosso organismo, e é exatamente neste momento que o sonho tem um papel importante.

Através de estudos e acompanhamento de cientistas, sabemos que a grande maioria dos seres humanos dorme em média 1/3 do tempo que vive, assim sendo, uma pessoa com setenta anos, passou em média vinte anos dormindo, e desses vinte anos, cinco deles foram ocupados pelos sonhos, portanto, o sono e os sonhos não devem somente fazer parte do ciclo básico corporal como respirar por exemplo, em que não precisamos pensar para que o processo aconteça, mas certamente eles devem atender a uma necessidade biológica fundamental para promover o equilíbrio mental e corporal de todo o complexo organismo humano.

Está comprovado que a privação do sono, e em particular dos sonhos podem provocar efeitos físicos e mentais danosos, encontramos na literatura médica relatos de métodos usados como tortura em época de guerra para desestabilizar o inimigo, sem feri-lo visivelmente, “não deixar o prisioneiro dormir nem sonhar”.

A falta de sono a curto prazo acarreta: Fácil irritabilidade, bruscas alterações de humor, perda da memória de fatos recentes, maior cansaço e sonolência durante o dia, menor criatividade, a capacidade de planejar e executar tarefas corriqueiras fica comprometida, o raciocínio fica lento e surge dificuldade de concentração.

E a falta de sono a longo prazo proporciona: O sistema imunológico fica mais sensível a alterações externas, tendência a obesidade, menor vigor físico, envelhecimento precoce, redução do tônus muscular, possibilidade de desenvolver diabetes, doenças cardiovasculares e gastrointestinais e perda gradual da memória.

Kelsey exemplifica que a privação do sono e conseqüentemente dos sonhos pode ser o gatilho para desencadear processos patológicos, pois ambos estão intimamente associados:

“O organismo humano tem necessidade de sonhar. De início, esta necessidade baseia-se em certos mecanismos fisiológicos. Mas, a certa altura do início do processo, como observa Fischer, “os mecanismos fisiológicos cedem o comando ao processo psicológico do sonhar, emergindo, daí, uma nova função, ou seja, a regulação da descarga dos processos das pulsões instintivas através da realização alucinatória do desejo, em oposição à descarga fisiológica através de padrões motores.” Em suma, o animal humano começa a sonhar o seu caminho no sentido de tornar-se um ser humano. (1996, p.304)

Para um indivíduo normal, se ocorrer a privação total do sono ele não sobreviverá, porém se a privação for prolongada sua vida será prejudicada por diversos distúrbios que irão surgindo ao longo do tempo e agravados na mesma proporção.

Estudos comprovam que aproximadamente 25 % da população adulta possui algum distúrbio do sono, que pode ser distribuído da seguinte forma:

A hipersônia (51 %) é o aumento do número de horas de sono em aproximadamente 25% do padrão de sono considerado normal para a idade do indivíduo, é um sintoma que freqüentemente indica a possibilidade de uma lesão grave.

A insônia (31 %) é a dificuldade que surge para iniciar ou manter o sono durante a noite e na manhã seguinte aparece a sensação de sono não reparador. Quase 1/3 dos adultos apresenta insônia durante a vida, e a metade destes necessitam de cuidados médicos.

As parassônias (15 %) são disfunções associadas ao sono, a estágios do sono ou a despertares parciais, fazem parte o sonambulismo, o terror noturno, e a enurese. Também podemos citar outras disfunções relacionadas ao sono (3%) como Crises epiléticas, Bruxismo, Refluxo gastroesofágico, etc.

Como observamos, o sono humano pode ser afetado negativamente por diversos fatores tanto internos como externos, e as fases deste período de sono são divididos em estágios de alternância sono-vigília, que atuam como verdadeiros relógio neuronais cíclicos, que determinam o momento do sujeito sonhar.

A evolução do sono ocorre gradualmente, passando por quatro estágios:
Estágio 1- Sono Lento, inicia com uma sensação de sonolência.

Estágio 2- Sincronizado ou Sono NREM (não-REM), evolução para um sono leve.

Estágio 3 - Sono Paradoxal, passagem para um sono profundo.

Estágio 4 - Dessincronizado ou Sono REM (do inglês Rapid Eye Movements), momento em que ocorrem os sonhos.

Todas as fases do sono possuem determinada importância, seja para o crescimento e desenvolvimento do corpo e/ou do cérebro humano. Durante os estágios 3 e 4 do Sono Profundo, ocorre uma grande liberação do Hormônio do Crescimento (GH) e de outros hormônios e aminoácidos importantes para todo o organismo, estão associados a reparos teciduais e a recuperação física, estão relacionados também aos processos sintéticos cerebrais e na recuperação psicológica do indivíduo, porém observamos que na pessoa idosa ocorre uma diminuição deste estágio de sono profundo, reduzindo inclusive o número total de horas que dorme à noite, é um processo inverso do que ocorre com recém-nascidos, que dormem mais da metade das 24 horas do dia.

De acordo com os achados bibliográficos históricos, talvez o mais completo e antigo tratado sobre o sono e os sonhos venha da antigüidade clássica, a “Onirocrítica” de Artemidoro de Daldis, que viveu em Éfeso, no século II d.C. na Ásia Menor. A obra é composta por cinco livros e permaneceu desaparecida por longo tempo, foi reeditada no final do século XV, graças ao mecenas Lourenço, o Magnífico, e cuja versão existem publicações modernas a partir de 1970 (ver Ed. Akal, 1999). Este é o único texto do gênero que nos chegou na íntegra e que resume e sintetiza várias outras obras do gênero da antigüidade.

Artemidoro de Daldis redigiu um tratado de interpretação dos sonhos baseado diretamente na observação do povo com que convivia, sempre frisando, com extrema atualidade, que os mesmos símbolos surgidos em sonhos têm significado diferente de pessoa para pessoa, e que deveriam ser adequados às diversas situações vividas pelo sonhador, seja ele um escravo ou um nobre.

O oneirocrítico da antigüidade tinha como função determinar se a partir das produções oníricas, os acontecimentos que ocorreriam seriam favoráveis ou não, essa interpretação dos sonhos era muito importante não somente para o povo, mas para os monarcas também, fato este que originou uma classe intermediária de profissionais respeitados, eles transmitiam sua arte de interpretação de pai para filho.

Analisando o sono e os sonhos encontraremos centenas de relatos sobre descobertas científicas, invenções que promoveram mudanças na vida do homem, previsões iluminadas, antecipação ou comunicado de catástrofes, porém, o que existe em comum entre todas é que foram recebidas através de sonhos, e como bem disse Friedrich Nietzsche "todos somos artistas em nossos sonhos".

Kelsey narra com precisão exemplos de momentos da história em que o sonhos se fizeram presente e trouxeram através de seus sonhadores grandes obras literárias, que influenciaram e continuam influenciando gerações:

“Desde o renascimento até nossos dias, a literatura está repleta de sonhos, que são considerados ora o reflexo de um estado de personalidade, ora uma instrução do além, ou de um nível mais profundo de nosso ser. Dante, Chaucer, Shakespeare, Rabelais, Milton, Tolstói, Goethe e Dickens são apenas alguns dos que basearam incidentes e até histórias inteiras em sonhos. O Médico e o Monstro deve-se a um sonho de Stevenson; Mary Shelley escreveu Frankenstein sob a mesma inspiração. A influência dos conteúdos oníricos e do inconsciente sobre o teatro moderno é assunto de obra interessante, de autoria de W. David Siever, Freud on Broadway. Em Demian Hesse escreve sobre os sonhos como uma parte integrante e profunda da história de sua própria vida.” (1996 ,p. 452)

O inventor Elias Howe (1819-1867) projetou a máquina de costura por meio de um sonho. Sabemos que uma agulha de costura comum tem abertura para passagem do fio na extremidade oposta à ponta, mas Howe, ao tentar automatizar o processo, não conseguia que essas agulhas funcionassem. Certa noite, sonhou com uma tribo que o ameaçava com lanças que tinham um orifício na ponta da lança, despertou e percebeu que se colocasse o orifício perto da extremidade da agulha obteria o resultado almejado. Feito isto, a máquina funcionou e com o passar do tempo a produção de roupas em escala industrial foi alcançada.

Wolfgang Amadeus Mozart revelou que muitas das suas composições musicais lhe ocorriam em sonhos, e que ao acordar ou mesmo durante a noite, levantava, as transcrevia e voltava a dormir.

O químico Friedrich August Kekulé von Stradonitz, em 1865, foi o responsável pela descoberta do anel hexagonal da estrutura molecular do benzeno, e propagou sem receio de ter seu nome abalado por amadorismo, que após muito estudo sua descoberta foi baseada em figuras de um sonho, e aceito por toda comunidade científica. Em suas próprias palavras: "Os átomos saracoteavam diante de mim (...). Os olhos de minha mente, aguçados pelas repetidas visões desse tipo, distinguiam agora estruturas maiores, de conformação múltipla; fileiras longas, às vezes mais cerradas, tudo girava e se contorcia como uma cobra. Mas veja! O que é aquilo? Uma das cobras agarrou a própria cauda e se pôs a girar, dançando diante dos meus olhos. Como se fosse atingido por um raio, eu acordei (...) Passei o resto da noite trabalhando nas conseqüências da hipótese."

Os sonhos influenciaram os quadros de Salvador Dali, assim como a leitura dos trabalhos psicológicos de Freud, na sua tentativa de interpretar os sonhos, e é desta fase uma de suas pinturas mais conhecidas "A persistência da Memória", em que aparecem alguns relógios derretendo. Pablo Picasso e outros tantos pintores surrealistas e abstratos, também elegeram os sonhos como fonte inspiradora de suas mais belas obras.

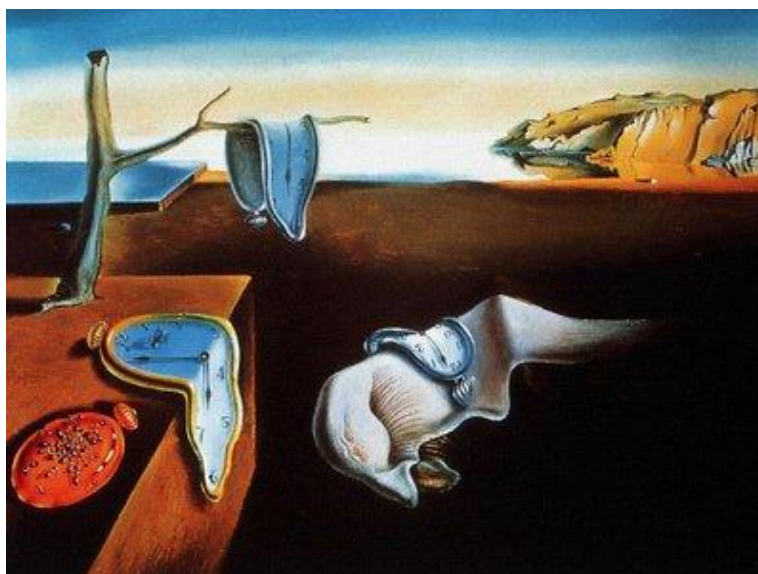


Figura 1- Quadro de Salvador Dali

O grande poema 'Kubla Khan' escrito no verão de 1797, foi inspirado no Livro das Maravilhas, de Marco Polo. O poeta Samuel Taylor Coleridge lia determinada passagem deste livro que relatava a construção do célebre palácio do Imperador chinês Kubla Khan (1215-1294) na cidade de *Shang-tu* (Xanadu), e adormece. Ao acordar começa a transcrever freneticamente o texto recebido em sonho, o poema descreve detalhadamente a cidade de Xanadu como um lugar mágico e misterioso, a capital do império de Kublai Khan, um rico poema de aproximadamente 300 versos, porém Coleridge foi interrompido por uma visita que durou aproximadamente uma hora, ao voltar a escrever deu-se conta que tinha esquecido muito sobre o sonho, e o que nos foi legado por Coleridge é um conjunto de cinquenta versos, que foi suficiente para torná-lo famoso.

No ano de 1922, Igor Stravinsky sonhou que estava sentado numa sala, descontente com oito músicos que tocavam uma flauta, uma clarineta, dois trompetes, dois trombones e dois fagotes, uma peça que quanto mais ele ouvia mais o desagradava. Ao acordar, Stravinski imediatamente anotou a melodia que havia escutado no sonho e desta forma surgiu o famoso "Octeto" para instrumentos de sopro, tocada por orquestras do mundo inteiro.

O psicólogo Otto Loewi no ano de 1929, estudando as sinapses, descobriu a transmissão química dos impulsos nervosos, e atribuiu sua descoberta a um sonho, em que observando as imagens surgidas concluiu que a maioria das drogas que agiam no sistema nervoso funcionavam afetando as sinapses liberando pequenas quantidades de uma substância química: a acetilcolina. A substância era liberada na sinapse pelo neurônio que trazia a informação (pré-sináptico), e captada por receptores localizados no neurônio que a recebiam (pós-sináptico).

Os sonhos também foram a base para as poesias eloqüentes de T. S. Elliot, e para os famosos romances de Gabriel Garcia Marques, onde os personagens e as tramas desenvolvidas, iniciaram-se por vezes em sonho e com a força da escrita ganharam vida, chegando alguns a tornar-se Best-Sellers.

Esses casos não são únicos nem raros, se pesquisarmos o valor atribuído aos sonhos no decorrer da História e nas mais diversas culturas, ficaremos realmente surpresos, a "oniromancia" é usada desde os primórdios da humanidade,

bruxos, sacerdotes e sacerdotisas, pagãos e xamãs, todos buscavam a interpretação ou previsão do futuro pelos sonhos. A oniromancia sempre teve grande credibilidade, no antigo Egito foi encontrado um papiro da época Raméssida, que foi escrito por volta de 2000 a 1785 a.C., que contém uma lista de significados proféticos para os símbolos oníricos, a “Chave dos Sonhos”.

Nas religiões judaico-cristãs a oniromancia é parte integrante da Torá e da Bíblia. No Islamismo acredita-se que os sonhos bons são inspirados por Alá e podem trazer mensagens divinatórias, ao passo que os pesadelos são consideradas armadilhas de satã e devem ser exorcizados.

Algumas culturas acreditavam que tanto o mundo dos sonhos como o mundo real eram verdadeiros e tinham o mesmo valor, aqui não estamos falando somente de tribos ou sociedades isoladas, mas também das grandes civilizações da Idade Média e de culturas contemporâneas nossas que têm a mesma convicção.

Mas afinal, o que são os sonhos?

Podemos obter várias respostas para esta pergunta, a primeira delas pode ser clínica, e de forma simplificada tentar explicar que através de estimulação física do córtex sensorial surgem locais em nossa mente, com imagens dos nossos pensamentos, sentimentos, emoções, intuições e sensações, tanto bons como ruins, sem podermos optar por um ou outro livremente, eles aparecem, tomam forma, e vão embora da mesma forma que vieram.

A ciência ao falar sobre o sono diz que é um processo fisiológico, que a natureza desenvolveu durante o processo da evolução para o crescimento e desenvolvimento do cérebro e dos próprios seres vivos, visando aumentar as nossas defesas e poupar energia, e os sonhos são uma descarga emocional da vivência diária.

Já a medicina, fala que o sono serve para restaurar os processos químicos e físicos extenuados pela consciência durante as atividades do dia, em que temos que aprender e fixar dados na memória, e que o sono e os sonhos principalmente, nos auxiliam a apagar e descarregar emoções negativas para que possamos manter nossa saúde mental.

Também podemos recorrer à mitologia grega para tentar entender de onde vêm os sonhos, e de imediato descobrimos que existe uma grande confusão em relação a figura de Morfeu, que tem como pai Hypnos e como mãe a Noite.

Morfeu é na realidade o deus dos “sonhos”, e seu pai Hypnos, que é o responsável por fazer as pessoas dormir, é o deus do sono. Hypnos misteriosamente penetrava no organismo dos homens e fazia repousar seu corpo, esquecer a fadiga, e descansar a mente. Hypnos era representado sob a figura de uma criança, ao fundo de uma gruta silenciosa e impenetrável à luz do dia, segurava com as mãos um dente e uma cornucópia. Hypnos / Sono era irmão gêmeo de Tânatos / a morte, daí podemos entender a antiga correlação existente de que a pessoa que dorme e sonha, enxerga além da morte, e é capaz de entrar em contato com os antepassados e os deuses.



Figura 2 – Hypnos e Tânatos – 1874 (Sono e Morte)

Hypnos teve três filhos, chamados de Oneiroi, que personificavam os sonhos dos humanos. Eles dormiam dispersos sobre papoulas, e como sabemos, a papoula ou ópio é uma planta de onde é obtido a morfina. Morfeu é considerado o filho mais importante, “o que molda-se, toma forma humana” é o deus grego dos sonhos divinos. O segundo filho é Icelus “frightening”, é o deus dos pesadelos, chamado de Phobator “phobia”, surge nos sonhos humanos em forma de animal ou de monstro. O terceiro é Fantasos “apparition”, este deus dos sonhos aparece como algo que faz parte da natureza, e também toma a forma de objetos inanimados.

E como não poderia faltar, a religião também fala sobre os sonhos. Sabemos que a “intercessão divina” nos processos de cura, seja cura do corpo, mente ou alma, acompanha o homem desde seus primeiros passos na terra, porém existe uma diversidade tão grande de religiões e crenças, que acabamos por não compreender nem encontrar uma resposta única que satisfaça nossa forma de compreender essas mensagens enviadas em sonhos, as curas realizadas e as premonições concretizadas, as visões antecipatórias ou a narração de fatos ocorridos a distância com extrema precisão, sem a presença do indivíduo no exato momento do fato ocorrido.

Atualmente, voltou-se a acreditar como nossos antepassados bíblicos acreditavam, que o sono e os sonhos são fundamentais não somente para o físico, mas também para a mente humana obter a tão almejada paz de espírito.

William Shakespeare escreveu que “o sono desembaraça a seda enredada das preocupações, é o bálsamo que alivia as dores do trabalho e o principal alimentador do festim da vida”.

Sanford nos esclarece que os sonhos possuem uma textura diferenciada, e que não devem encarados como uma continuidade lógica e racional, eles não podem ser vistos com olhos materialistas pois são feitos de outro material, nosso inconsciente utiliza-se de outros sentidos e diversos meios para nos enviar mensagens que parecem num primeiro momento desprovidas de qualquer senso de lógica:

"O comportamento humano não é racional e a humanidade se comporta em todo o mundo como se fosse possessa. Para o homem primitivo tudo isso era sinal óbvio da realidade do mundo espiritual que lhe aparecia nos sonhos. (...) Persistimos em nosso materialismo racionalista, sob a ilusão de que somos racionais e os outros não. Se há distúrbios em nossos sentimentos e em nossa afetividade, atribuímos a causa ao que os outros nos fazem e continuamos pensando que só tem sentido o que nos parece lógico e racional, que só é real o que vemos, ouvimos, cheiramos, tocamos e provamos. Os sonhos tem sentido, mas um sentido que não é lógico. São muito reais, mas sua realidade não é apreendida por nenhum dos sentidos do nosso corpo." (1988, p. 14)

Existem tantos tipos de sonhos que se torna óbvio a dificuldade que encontramos para fazer sua interpretação, eles são modos encontrados para comunicar e fazer a ligação entre o consciente e o inconsciente, a integração do corpo e da alma.

Os sonhos podem ser classificados de diversas maneiras, modalidades, temas, a variedade é imensa e depende até mesmo de região para região a sua variabilidade, tantas, que a seguir temos um pequeno esquema destas variações, deixando claro que eles podem variar infinitamente dentro de um mesmo tema:

- Os Sonhos proféticos são entendidos como um aviso sobre determinado acontecimento relevante, a Bíblia traz diversos sonhos proféticos que foram importantes para definir rumos e atitudes de um povo.
- Os Sonhos iniciatórios ocorrem em indivíduos que congregam alguma crença e/ou religião e encontram-se encarregados de mostrar ou guiar outros homens para uma nova visão de mundo, menos concreta.
- Os sonhos telepáticos atualmente estão sendo estudados com seriedade, principalmente por instituições militares, pois têm interesse em transmissões sem aparelhos. Nestes sonhos as comunicações são enviadas através de pensamentos e sentimentos de pessoas ou até mesmo por grupos que se encontram a distância do sujeito que sonhou.
- Os sonhos visionários têm maior ocorrência entre os místicos orientais, e eles relatam que estes sonhos a nossa civilização ocidental atrofiou ou paralisou com o passar do tempo, nosso materialismo excedeu o volume mínimo necessário de recolhimento e introspecção, a algum tempo deixamos de entrar em contato com nossos pensamentos e desejos reais.
- Os sonhos pressentimentos fazem com que o sujeito que sonhou escolha uma possibilidade entre diversas outras opções disponíveis e acerte na mesma. Os jogos de azar são um exemplo deste tipo de sonho.
- Os sonhos mitológicos reproduzem algum arquétipo da humanidade e refletem uma busca fundamental e universal, o herói salvador, símbolo de nobreza e garra - Airton Sena; o príncipe que busca um grande amor e por não encontrar uma mulher que seja ideal quer várias ao mesmo tempo - Dom Juan;

a grande mãe protetora - Madre Teresa; a donzela que aguarda indefinidamente seu príncipe encantado – Cinderela; o homem que não amadurece psicologicamente nem assume responsabilidades compatíveis com sua idade cronológica - Peter Pan, o Puer Aeternus; todos são exemplos de sonhos recorrentes em todas as idades e classes sociais, representados no mundo inteiro, adequando-se sempre a época vigente.

Jung falou sobre um outro tipo de sonho, o sonho recorrente, muitos indivíduos relatam ter a repetição de determinado sonho durante grande período de sua vida, e não entendem o motivo dele repetir sempre à mesma temática, às vezes com pequenas alterações, mas o conteúdo permanece o mesmo:

“O sonho recorrente é um fenômeno digno de apreciação. Há casos em que as pessoas sonham o mesmo sonho, desde a infância até a idade adulta. Este tipo de sonho é em geral uma tentativa de compensação para algum defeito particular que existe na atitude do sonhador em relação à vida; ou pode datar de um traumatismo que tenha deixado alguma marca. Pode também ser a antecipação de algum acontecimento importante que está por acontecer.” (2002, p. 53)

Edinger cita Jung em *Ego e Arquétipo* (1992) ao defender a importância do simbólico em nossas vidas tão agitadas, acredita que o homem moderno pode acabar somente passando pela vida, sem se dar conta que está num ir e vir sem um sentido verdadeiro e profundo, e acabar não aproveitando as possibilidades e oportunidades a que temos direito:

“O homem necessita de uma vida simbólica. Mas não temos vida simbólica. Acaso vocês dispõem de um canto em algum lugar de suas casas onde realizam ritos, como acontece na Índia? Mesmo as casas mais simples daquele país têm pelo menos um canto fechado por uma cortina no qual os membros da família podem viver a vida simbólica, podem fazer seus novos votos ou meditar. Nós não temos isso... Não temos tempo, nem lugar... Só a vida simbólica pode exprimir a necessidade do espírito - a necessidade diária do espírito, não se esqueçam! E como não dispõem disso, as pessoas jamais podem libertar-se desse moinho - dessa vida angustiante, esmagadora e banal em que as pessoas são "nada senão.”

2. SONHOS E RELIGIÃO

“Os cristãos muitas vezes perguntam por que Deus não se dirige a eles, como se acredita que fazia em tempos passados. Quando ouço este tipo de questionamento lembro-me sempre do rabi a quem perguntaram por que ninguém mais vê Deus, quando no passado Ele aparecia às pessoas com tanta freqüência. Resposta do rabi: é que hoje já não mais existe gente capaz de curvar-se o bastante.” (JUNG, 2002, p. 102).

Desde a história primitiva até a era cristã, a religião é considerada um guia espiritual da humanidade, e a Bíblia tanto no novo como no velho testamento, nos fala que Deus se utiliza de sonhos para comunicar-se com os homens. Através deles Deus abençoa, cura, guia, alerta, adverte, pune, portanto os sonhos tiveram uma importância capital para os homens deste período, eles consideravam o sonho como um companheiro leal, em que podiam confiar sem medo de errar ou ser traído.

De acordo com Hall,

“Ao longo da história da maioria das tradições religiosas, os sonhos têm sido considerados uma fonte de informações acerca da vontade de Deus e da existência de um mundo espiritual atrás, acima ou dentro do mundo da realidade cotidiana.” (1994, p. 33).

E nós, que papel atribuímos aos sonhos? Que valor damos as coisas surgidas no estado onírico e que por não podermos compreendê-las em sua totalidade preferimos considerá-las apenas mais uma simples etapa, um resquício do dia que se foi?

Já que a religião cristã deixou de ser o guia maior para os homens do ocidente, várias outras religiões, seitas, filosofias e ciências surgiram e ocuparam esse lugar vago, onde o que importa é o real, o palpável, o possível de mensurar.

Segundo Hall, a igreja aconselhando, o terapeuta ouvindo, o paciente compreendendo, e tudo mais que puder somar deverá ser usado para que possamos acessar o inconsciente.

“Em nossos dias, os sonhos tendem a ser deixados de lado tanto na psicoterapia secular como no aconselhamento pastoral, apesar de sua tradicional importância na maioria das religiões e do papel central que têm desempenhado no desenvolvimento da psicologia profunda. Nas primeiras e influentes obras de Freud, os sonhos eram nada menos que “a via régia para o inconsciente.” (1994, p 36).

Kelsey nos esclarece sobre a trajetória histórica cristã dos sonhos, e inicia com uma pergunta: Onde estamos hoje? e é ela que nos norteará para seguirmos em frente em nosso trabalho de busca por algo maior através dos sonhos.

“Sempre houve alguma justificativa para não se dar muita atenção aos sonhos. Mas hoje a causa fundamental para a indiferença cristã é bem específica. É que não há quase mais lugar para o sonho dentro do cientificismo lógico e materialista, que substitui quase por completo o pensamento e a filosofia originais do cristianismo. A visão aristotélica, proposta por Tomás de Aquino, refinada por descartes e aceita como verdade final pelo positivismo, afirma muito simplesmente que só existem duas realidades. Há a realidade material e a consciência da razão e, fora disso, não existe mais nada que a humanidade possa conhecer. Essa proposição é a coisa mais distante que existe do pensamento tradicional hebraico e do cristão”. (1996, p. 306)

Para iniciarmos uma busca histórica sobre a junção sonhos - religião - cura, conta-nos a mitologia grega que Esculápio (ou Asclépio) nasceu da união do deus Apólo e da mortal Coronis, uma bela princesa da Tessália, filha do rei Flégias. Esculápio nasceu na cidade de Epidauro, ao pé do Monte Mirtião. De acordo com a narrativa mitológica cantada pelo poeta Píndaro (522-443 a.C.), Esculápio foi tirado por seu pai Apolo do ventre de sua mãe no momento em que esta ardia em chamas na pira funerária, fato este que lhe conferiu o simbolismo da superação da vida sobre a morte.

Apolo confiou a educação de seu filho Esculápio ao centauro Quíron, ele era filho de Saturno e da ninfa Filira e que ao nascer (tinha a cabeça e o torso humanos e o corpo de cavalo) foi abandonado por seus pais, porém Apolo (deus do Sol dos gregos) o adotou e ensinou todos os seus conhecimentos: artes, música, poesia, ética, filosofia, artes divinatórias e profecias, terapias e a arte de curar os doentes.

Quíron com enorme reconhecimento e gratidão a Apolo por tê-lo adotado, dedicou-se à educação de Esculápio que cresceu e tornou-se extremamente hábil na arte da cura, tanto que acabou por descobrir o princípio de ressuscitar os mortos.

Esculápio apaixonou-se e casou-se com Epione, que mais tarde se tornaria a deusa que alivia as dores, deusa da anestesia. Tiveram dois filhos, Machaon e Podalírio, que foram os médicos dos gregos na Guerra de Tróia, e quatro filhas, Hígia a deusa da saúde, Iaso a deusa dos curativos, Panacéia a deusa da cura, e Aqueso a deusa do processo da cura.

Zeus, deus do Olímpo, temendo que as ressuscitações alterassem a ordem do mundo terreno e que este conhecimento fosse passado para os homens, fulminou Esculápio com um relâmpago. Apolo comovido divinizou seu filho transformando-o na constelação Serpentário. Esculápio nasceu humano, porém após sua morte foi-lhe concedido a imortalidade, ele é um deus que não está no Olímpo nem no Hades, ele caminha entre os homens, ensinando a medicina e aliviando-os das doenças.



Figura 3 - Esculápio

Com o passar do tempo, a lenda de Esculápio foi tornando-se popular e conseqüentemente enriquecendo, ele é representado com um bastão em uma das mãos, onde se encontram duas serpentes enroladas, que originou o caduceu, e é o símbolo da medicina até hoje, pois a terrível serpente possui o veneno que mata, mas quando bem usado também promove a cura.

Não sabemos ao certo se Esculápio homem, que foi mencionado por grandes personalidades como Hesíodo, Píndaro, e na Ilíada de Homero realmente existiu, porém os primeiros santuários destinados a ele foram construídos por volta de 770 a. C., próximos a bosques e fontes de água natural, onde a serpente passou a ser cultuada. Estes santuários eram um misto de ambiente religioso sagrado e hospital para o povo, a cura acontecia durante o sono, revelada em sonho, pela força do mito.

É curioso saber que existiam apenas duas restrições para acesso aos templos: às mulheres era proibido dar à luz no interior do santuário, e os moribundos deviam ser afastados, mantidos longe destes lugares. Curiosamente, estes mesmos dois interditos serão encontrados alguns séculos mais tarde nos hospitais franceses do Antigo Regime, que foi de 1453 a 1789, onde reinavam o absolutismo, no plano político, e o mercantilismo, no plano econômico.

Os santuários mais famosos denominados Asklepieia foram os de Epidauro e Cós, onde iniciou a famosa escola médica de Cós, da qual Hipócrates fazia parte, e que viria a dar origem à Medicina Ocidental. Os templos de Pérgamo e Cirema ainda eram visitados no século V d.C., quando o tratamento com “médicos” falhava as pessoas recorriam aos santuários de Esculápio, onde recebiam orientação e tratamento.

“Inicialmente, o devoto precisava oferecer um sacrifício ao deus. Depois de um banho de purificação, tinha de adormecer dentro do recinto sagrado — processo chamado de *ἐγκοίμησις* ou *incubatio*, "incubação" — quando então a cura lhe chegava em sonhos. No sonho, o deus ou aparecia em pessoa com uma ou várias de suas filhas, e tratava pessoalmente o suplicante, ou então fazia uma serpente lambe o ferimento ou a região afetada pela doença. Outras vezes, Asclépio simplesmente sugeria um tratamento: banhos, massagens, plantas medicinais, oferecimento de sacrifícios, viagens, e outros procedimentos salutares.

Os doentes curados deviam ainda agradecer ao deus com presentes: estelas esculpidas com dedicatória, placas de pedra com o relato da cura, modelos do órgão curado, moedas de ouro e prata... — de certa forma, a oferenda votiva era parte integrante do ritual. E é claro que tanto os sacerdotes ajudavam os suplicantes na interpretação dos sonhos, como também o próprio deus, que não dava conta sozinho de tantos animais sacrificados e muitas outras dádivas...” (Site 2)

Através de descobertas arqueológicas, foi comprovado que os doentes realmente deixavam registradas suas curas como forma de agradecimento a Esculápio, foram descobertos quadros, inscrições em pilares e paredes esculpidas com descrições de doenças e os respectivos procedimentos utilizados, todos recebidos em sonhos e considerados bons para determinadas doenças. Eles ficavam em exposição para que os médicos e seus aprendizes pudessem consultá-los, seria o equivalente atual a uma biblioteca para pesquisa.

Para os gregos o adoecer e a cura estavam intimamente ligados, o doente tinha que participar do processo através do sonho, receber os procedimentos terapêuticos indicados e colocá-los em prática, esta participação era vital, o paciente não ficava inerte, ele atuava na sua recuperação, vemos que este é um conceito moderno da psicossomática da doença, o corpo e a mente atuando juntos visando um mesmo fim, o restabelecimento.

Os templos receberam um édito firmado em 385 d.C. pelo Imperador Constantino para serem fechados e substituídos por hospitais cristãos, pois o cristianismo havia sido eleito a religião oficial, porém levou mais de um século desde esta proibição até a aceitação pelo povo grego, e durante todo este período de tempo as práticas e os ritos de cura dedicados a Asclépio não deixaram de ser praticados.

Jung fala sobre a imensa força que um símbolo exerce, e que não é fácil derrubar ou extinguir um mito, ele seguirá seu próprio curso e tempo de duração, que será não determinado por nenhum indivíduo, lei, decreto ou autoridade:

"Sob a forma abstrata, os símbolos são idéias religiosas; sob a forma de ação, são ritos ou cerimônias. São manifestações e expressões do excedente da libido. Constituem, ao mesmo tempo, degraus que levam a novas atividades que, especificamente, devemos chamar culturais, para distingui-las das funções instintivas que seguem seu curso regular, de acordo com as leis da natureza." (Jung, 1997, pp. 45-46).

Para Jung a religião era encarada como uma atitude da mente, e o credo ou qualquer atividade prática em si, seria uma forma codificada, simbólica, de dar vida a um sentimento real da experiência religiosa original.

"Encaro a religião como uma atitude do espírito humano, atitude que de acordo com o emprego originário do termo: "*religio*", poderíamos qualificar a modo de uma consideração e observação cuidadosas de certos fatores dinâmicos concebidos como "potências": espíritos, demônios, deuses, leis, idéias, ideais, ou qualquer outra denominação dada pelo homem a tais fatores; dentro de seu mundo próprio a experiência ter-lhe-ia mostrado suficientemente poderosos, perigosos ou mesmo úteis, para merecerem respeitosa consideração, ou suficientemente grandes, belos e racionais, para serem piedosamente adorados e amados." (1995, p.10).

Jung acreditava que a religião e o poder exercido por ela sobre os homens tinha como função maior evitar as dissociações neuróticas da psique, e isto somente seria possível de ser alcançado através do autoconhecimento, confrontando Ego e Self, e o mesmo fazendo com a realidade física e a realidade psíquica.

Ele deixou bastante claro, que o motivo do surgimento de diversas neuroses está relacionado ao fato de não ser levado em conta as necessidades religiosas da alma, ou seja, o que realmente importante para o homem alcançar e manter sua saúde mental, é desenvolver uma atitude religiosa, espiritual, independente de credo ou dogmas.

"...devido à paixão infantil do entendimento racional. (...) o que importa já não são os dogmas e credos, mas sim toda uma atitude religiosa, que tem uma função psíquica de incalculável alcance." (1999, p. 44).

Para Fish tudo pode ser usado para o desenvolvimento e crescimento do ser humano, ele próprio como psicólogo clínico e professor universitário nos EUA, veio ao Brasil como convidado do mestrado da PUCCAMP, e deixou registrado teorias e métodos de trabalho que ele próprio utiliza em seu trabalho diário, as “crenças” de seus pacientes para auxiliá-los a identificar problemas e sempre que possível saná-los, para tanto utiliza um método que ele próprio cunhou de “placeboterapia” e explica o que significa :

“Posso apenas especular sobre esta questão, mas o meu pensamento tende a mergulhar nas teses centrais deste livro. Acredito que os rituais de cura em si mesmos não têm sido tomados tão seriamente quanto as ervas de cura, porque estas podem ser tocadas enquanto que os comportamentos não. É certo que um comportamento é algo real e pode ser *visto*. Parece-me entretanto, que os cientistas questionam a validade de coisas que não podem ser tocadas, mensuradas ou subdivididas. Acredito que somente a ignorância deliberada de fenômenos importantíssimos como, por exemplo, o da fé, seja capaz de explicar a razão pela qual os psicólogos não se juntam aos antropólogos neste campo de estudos.” (1988, p. 20)

Dando continuidade a seu pensamento, Fish fala sobre a fé e seu poder ainda pouco utilizado pelo homem moderno, sobre o simbólico e o medo do desconhecido:

“Apesar do ponto de vista preponderante e a reconfortante constatação de que somos pessoas racionais, que apenas manifestam sua fé nas manhãs dominicais, estou inteiramente de acordo com os teólogos ao afirmarem que a fé está presente em todos os aspectos da nossa vida. De fato, não vejo qualquer diferença entre os modos de vida dos povos *primitivos*, que eram conduzidos pela crença mágica de sua cultura, e os modos pelos quais nossas vidas são governadas pela fé científica de nossa desenvolvida sociedade. A única diferença é que o culto à ciência (o culto à tecnologia ou culto à iniciativa pessoal) assume um papel mágico, tal como numa sessão de Vodou em termos de nossa visão de mundo. Perguntemos ao homem da rua se ele sabe que a terra gira em torno do Sol e esta questão tornar-se-á mais clara entre nós.” (1988, p. 20 – 21)

Kelsey cita Tertuliano, séc. III, como representante e primeiro líder eclesial que escreveu com sabedoria e seriedade sobre os sonhos, relatou hábitos, costumes e teorias de uma época, em sua obra inspiraram-se cristãos do porte de Agostinho e Cipriano:

“ ..., pois Tertuliano nos deixou um quadro conciso e excelente de sua teoria sobre os sonhos relacionando-os à doutrina cristã da revelação em sua obra-prima, Sobre a Alma. Essas conclusões expressam as crenças básicas dos cristãos do século III e que se mantiveram como atitude comum entre os fiéis do Ocidente durante os mil e duzentos anos seguintes, até o pensamento de Tomás de Aquino começar a dominar a Europa Ocidental.” (1996, p.171)

No séc. XIII, a Igreja Católica instituiu ao povo que os sonhos na sua maioria eram trabalho do demônio, com esta medida estratégica, mais política que cristã, a igreja protegia seu enorme poder sobre os fiéis, já que ela era a única detentora da palavra de Deus na terra, e portanto, quaisquer revelações feitas aos indivíduos em sonhos só poderiam vir de fontes diabólicas, assim também, o alemão Martinho Lutero (1484-1546) era desta mesma opinião, “o pecado é o aliado e pai de sonhos sujos”.

Corroborando com o parágrafo acima, Sanford nos diz que: “... a Igreja deixou de dar atenção aos sonhos de seus filhos quando começou a se preocupar demais com a instituição”. (1988, p. 14).

Para Jung todo o racionalismo imediatista fez com que o homem moderno perdesse a capacidade inerente a todo ser humano de entrar em contato com forças positivas, e com isso passasse a correr o perigo iminente de desenvolver dissociações:

“O homem moderno não entende o quanto seu “racionalismo” (que lhe destruiu a capacidade de reagir a idéias e símbolos numinosos) o deixou à mercê do “submundo” psíquico. Libertou-se das “superstições (ou pelo menos pensa tê-lo feito), mas neste processo perdeu seus valores espirituais em escala positivamente alarmante. Suas tradições morais e espirituais desintegraram-se e, por isto, paga agora um alto preço em termos de desorientação e dissociação universais.” (2002, p. 94).

A Bíblia Sagrada está repleta de narrações e relatos em que os sonhos são utilizados como fonte direta de comunicação e informação divina, os sonhos aconteciam por uma razão determinada e quando continham mensagens boas ou más tinham um objetivo para quem sonhou e/ou para os demais homens que partilhavam o mesmo local e o mesmo modo de encarar o sonho.

Kelsey utiliza-se da Bíblia para demonstrar esta forma de pensar e agir em relação aos sonhos, a seriedade com que eram tratados.

“Desde Paulo, e ao longo da Idade Média, nunca faltou a igreja gente, que usasse os dons da sabedoria e da interpretação para compreender as imagens oníricas e visionárias. Paulo foi apenas o primeiro entre muitos a fazer um esforço consciente para compreender seus sonhos e, em grande medida, deixá-los guiar sua própria vida.” (1996, p. 298)

Também OSB nos fala que na Bíblia, tanto no Novo Testamento como no Antigo Testamento é Deus que quer se fazer ouvir e ser entendido pelos homens, e faz isto através do sono e dos sonhos:

“Quando a Bíblia fala de visões, não pensa em acontecimentos fora do comum, em fatos que poderíamos fixar em um filme. Trata-se sempre de aparições pensadas pelas pessoas, de aparições que tornam perceptíveis por nossa psique e que podemos perceber por nosso olho interior. Não se trata de imaginações, mas de experiências iguais aos sonhos, que nos sobrevêm sem a nossa iniciativa. No Antigo e no Novo Testamento, Deus se dá a conhecer continuamente em visões. No sono e no sonho, Deus quer nos encontrar; porque é por eles que pode ser tirado o véu de nossos olhos e nós podemos reconhecer claramente qual é o mistério de nossa vida, e qual é, para nós, o mistério de Deus.” (2002, p.14)

Na Bíblia encontramos Deus comunicando-se com os homens, passando instruções, acompanhando-os, repreendendo-os, fazendo com que o homem daquele período se torna-se menos rude e pouco a pouco se afasta-se de seus instintos primitivos para partilhar a vida em uma sociedade humanizada, organizada, constituída e hierarquizada.

"As organizações ou sistemas são símbolos que capacitam o homem a estabelecer uma posição espiritual que se contrapõe à natureza instintiva original, uma atitude cultural em face da mera instintividade. Esta tem sido a função de todas as religiões." (JUNG, 1997, p. 57).

Para Jung a religião tinha precisamente a função de ligar o consciente do homem a fatores inconscientes extremamente importantes para o seu pleno

desenvolvimento. Ele acreditava que a libido era a fonte que originava as imagens religiosas, e nos remetia à nossa origem, e os sonhos por sua vez eram um caminho de acesso a este material, quando interpretados e bem aproveitados.

Kelsey analisa as diversas formas que aparecem os sonhos e as visões na bíblia, e considera que através dela seja possível encontrar um caminho a mais para quem pretende compreender mais acerca dos sonhos, pois em seus escritos encontram-se não apenas descrições de uma época, previsões e advertências de um período histórico, nela encontra-se quase que um tratado para evolução e junção da realidade física com a não-física:

“É pena que as visões, transe e mesmo os sonhos da Bíblia tenham sido considerados apenas como manifestações religiosas sobrenaturais. Na verdade, ainda é muito comum ocorrerem experiências assim. E embora, as vezes, elas manifestem um conteúdo “além do natural” são, não obstante, fatos naturais que podem ser observados e analisados. E se originam num mundo com o qual é natural seres humanos se depararem. Na verdade, os autores neotestamentários tinham uma visão bem mais sofisticada desse assunto do que podemos imaginar. Apresentavam uma teoria consistente sobre os seres humanos, onde os sonhos e visões ocupavam um espaço definido. Viam perfeitamente que estamos em contato com um mundo ao mesmo tempo físico e não-físico, e de cuja totalidade necessitamos. Nenhuma das duas dimensões poderia ser omitida, caso se quisesse viver a realidade tal qual ela é. Portanto, os sonhos e as visões eram importantes por serem uma das formas pelas quais a dimensão não física irrompia diretamente na psique humana. E esse era um ponto de vista extremamente platônico. É claro que, hoje, isto nos parece estranho. É difícil alterar a nossa convicção cultural de que os seres humanos só estão em contato com uma única realidade. Mas, se quisermos penetrar na visão de mundo daqueles cristãos, temos que ouvir esses escritores que sentiam a importância, bem como a dificuldade, de escrever tantos encontros com a realidade não-física. Se despojarmos o novo Testamento de todas essas experiências, será realmente muito difícil captar o que seus livros transmitem.” (1996, p. 134)

Giglio & Giglio (2006) definem o que especificamente Jung queria dizer ao usar o termo religião, ele acaba fugindo completamente do lugar comum e nos dá uma amplitude de interpretação acerca do termo:

“Existem duas possíveis raízes etimológicas para a palavra “religião”. Uma vem de *religare*, etimologia privilegiada pelos padres da igreja medieval, que remete a uma aliança com Deus; o clero julgava ser a casta eleita para fazer a intermediação – a ligação- entre os homens comuns e Deus. A outra vem de *religere*, que significa uma observação cuidadosa de si mesmo.

Literalmente, poderíamos traduzir por “re-leitura”, palavra bem ao gosto contemporâneo, inspirada pela semiótica. Jung deu preferência a esta última interpretação (1983). Portanto, no contexto da psicologia analítica, esse sentido sobrepõe-se àquele da teologia cristã medieval, que nos é mais familiar. A atitude religiosa autêntica é, no sentido junguiano, aquela que facilita o processo de individuação enquanto atenção ao mundo interno (imagens, fantasias que sinalizam a emergência da sabedoria do nível arquetípico) e observação cuidadosa do mundo, em busca de sinais do sobrenatural. Ou seja, a atitude religiosa implica numa leitura do mundo – e de si – que supõe a existência de manifestações do sobrenatural passíveis de serem descobertas e interpretadas.” (p. 151, 152)

No relato abaixo temos a prova de que Jung discordava frontalmente da visão de Freud em relação aos sonhos, Jung acreditava nos seus significados e na importância para o desenvolvimento pleno do homem.

“Nunca pude concordar com Freud que o sonho é uma “fachada” atrás da qual seu significado se dissimula, significado já existente, mas que se oculta quase que maliciosamente à consciência. Para mim, os sonhos são natureza, e não encerram a menor intenção de enganar; dizem o que podem dizer e tão bem quanto o podem como faz uma planta que nasce ou um animal que procura pasto. Os olhos também não procuram nos enganar: talvez sejamos nós que nos enganemos, porque nossos olhos são míopes! Ou então, ouvimos mal porque nossos ouvidos são um pouco surdos, mas não são eles que nos querem enganar. Muito antes de conhecer Freud, eu considerava o inconsciente - da mesma forma que os sonhos, sua expressão imediata – como um processo natural, desprovido de qualquer arbitrariedade e, acima de tudo, de qualquer intenção de prestidigitação.” (2002 ,p.145)

Kelsey afirma com extrema simplicidade e coerência sobre determinadas “coisas” que os sonhos fazem, ou poderiam fazer por nós, desde que prestemos atenção a sua dinâmica, por vezes um tanto confusa, quase que uma brincadeira, porém o seu conteúdo é expresso da melhor forma que o inconsciente encontra para cada indivíduo, porque somos nós que fornecemos o material de trabalho para os sonhos, portanto é responsabilidade nossa saber o que fazer com eles, quem toma a decisão de modificar, aprender, corrigir, incluir ou banir algo é o próprio sonhador, usando da faculdade do livre arbítrio.

“Às vezes os sonhos falam com uma clareza impossível de ser ignorada, mas, em sua maioria, comunicam-se pela linguagem dos quadros, símbolos, contos de fada e mitos. Não há método fácil para entendê-los, sendo necessário esforço para entrar em contato com seu significado. Deus nos envia sonhos para ajudar a dirigirmos nossa vida e tornar o sagrado mais real para nós. O Divino não toma a direção, fazendo tudo por nós, como, erroneamente, pensam alguns entusiastas religiosos. Os sonhos e visões nos proporcionam chaves que sugerem formas para cuidarmos de nossa vida, mas exigem cooperação e trabalho. Aprender a ouvir esses mensageiros noturnos pode significar aprender a ouvir e trabalhar ativamente com Deus.” (1996, p. 323,324)

Sobre a igreja cristã Jung exemplifica a diversidade de símbolos utilizados, e sem que se perceba a analogia existente entre os profetas e os animais, o homem e seus instintos básicos estão presentes em nossa vida, não podemos simplesmente isolar determinadas coisas de nossa personalidade, pois devemos primeiramente conhecer, e depois do reconhecimento domesticar e incorporá-los, integrá-los em nosso dia-a-dia:

“Mesmo no cristianismo, o simbolismo animal representa um papel surpreendentemente importante. Três dos evangelistas têm emblemas de animais: São Lucas, o boi; São Marco, o leão, e São João, a águia. Apenas São Mateus é representado como um homem ou um anjo. O próprio Cristo aparece simbolicamente como o Cordeiro de Deus ou como o Peixe, é também a serpente, louvada na cruz, o leão e, em alguns casos raros, um unicórnio. Estes atributos animais de Cristo indicam que mesmo o filho de Deus (a personificação suprema do homem) não prescinde da sua natureza animal, do mesmo modo que sua natureza espiritual. Considerando-se tanto o subumano como o sobre-humano como partes do reino divino. Esta relação entre os dois aspectos do homem é admiravelmente simbolizada na imagem do nascimento de Cristo em um estábulo, entre animais.” (2002, p. 238)

Leonardo Boff, polêmico teólogo da libertação, escritor, professor e conferencista, no ano de 1984, em razão de suas teses ligadas à Teologia da Libertação, apresentadas no livro "Igreja: Carisma e Poder", foi condenado a um ano de "silêncio obsequioso" e deposto de todas as suas funções, em 1992, sendo de novo ameaçado com uma segunda punição pelas autoridades de Roma, renunciou às suas atividades de padre, suas convicções falaram mais alto, aqui ele expõe sua visão do objetivo da religião:

“Vida interior não é monopólio das religiões. Estas vêm depois. Vida interior é uma dimensão do humano. Por isso é universal. Está em todos os tempos e em todas as culturas. As religiões cumprem sua missão quando suscitam e alimentam a vida interior de seus seguidores, quando lhes criam condições de fazerem a viagem para o seu interior, rumo ao coração onde habita o Mistério. Vida interior supõe escutar as vozes e os movimentos que vêm de dentro. Há um eu profundo, carregado de anseios, buscas e utopias. Há uma exigência ética que nos convida para o bem, não apenas para si mesmo pessoalmente mas também para os outros. Há uma Presença que se impõe, maior que a nossa consciência. Presença que fala daquilo que realmente conta em nossa vida, daquilo que é decisivo e que não pode ser delegado a ninguém. Deus é outro nome para esta experiência que preenche a nossa busca insaciável. Cultivar esse espaço é ter vida interior. O efeito mais imediato desta vida interior é uma energia que permite enfrentar os problemas cotidianos sem excessivo estresse. Quem possui vida interior irradia uma atmosfera benfazeja e confere repouso àqueles que estão à sua volta.” (Site 3)

As Escrituras contidas na Bíblia Sagrada levaram aproximadamente mil anos para serem escritas. Começou por volta de 1250 a.C. e terminou cerca 100 anos após o nascimento de Jesus Cristo, é uma coletânea escrita realizada em diversos países, mas basicamente os manuscritos que a compõem estavam em três idiomas, o hebraico, o grego e o aramaico, e o material usado para escrita era o papiro (folha comprida de erva do Rio Nilo) ou pergaminho (pele de cabra, de ovelha ou de outro animal, macerada em cal, raspada e polida).

“O assunto Bíblia não é só uma doutrina sobre Deus. Por intermédio de suas páginas podemos encontrar: histórias (fascinantes os livros de Samuel e Reis), provérbios, profecias, romance (Cantares de Salomão ou Cânticos dos Cânticos - o livro sensual que registra o romance do rei Salomão com uma sulamita), salmos, lamentações, cartas, sermões, meditações, filosofias, romances, cantos de amor, biografias, genealogias, poesias, parábolas, comparações, tratados, contratos, leis para a organização do povo, leis para o bom funcionamento da liturgia, coisas alegres e coisas tristes, fatos verdadeiros, fatos simbólicos, coisas do passado, coisas do presente, coisas do futuro, enfim uma infinidade de bons assuntos.” (Site 4)

Na Bíblia destaca-se em diversos livros do Antigo e do Novo Testamento o valor atribuído aos sonho, ele era respeitado pelo povo livre, escravos, profetas, reis, todos o viam como um aliado, abaixo estão listados alguns versículos, onde fica expressa a sua importância.

Atos 2:17

“E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, quando meu espírito derramarei sobre toda carne. E os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos terão sonhos;”

Genesis 20:3

Deus, porém, veio a Abimeleque em sonhos de noite, e disse-lhe: Eis que morto serás por causa da mulher que tomaste; porque ela tem marido.

Jó 33:12-18

Eis que nisso não tens razão; eu te repondo; porque maior é Deus do que o homem. Por que razão contendes com ele, sendo que não responde acerca de todos os seus feitos? Antes Deus uma e duas vezes porém, ninguém atenta para isso. Em sonho ou em visão noturna, quando cai sono profundo sobre os homens, e adormecem na cama. Então o revela ao ouvido dos homens, e lhes sela a sua instrução, para apartar o homem daquilo que faz, e esconder do homem a soberba.



Figura 4 - Sonho de Jacó

Mateus 1:18 - 20

Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Estando Maria, sua mãe, desposada com José, antes de se juntarem, achou-se ter concebido do Espírito Santo. Então José, seu marido, como era justo, e a não queria infamar, intentou deixá-la secretamente. E projetando ele isto, eis que em sonho lhe apareceu um Anjo do Senhor dizendo: "José, filho de David, não temas receber a Maria, tua mulher, porque o que nela está gerado é do Espírito Santo;

Números 12:46

E disse: Ouve agora as minhas palavras: se entre vós houver profetas, eu, o Senhor, em visão a ele farei conhecer, ou em sonhos falarei com ele.

I Reis 3:5

E em Gibeom apareceu o Senhor a Salomão de noite em sonhos; e disse-lhe Deus: Pede o que queres que eu te dê.



Figura 5 - Sonho de José

Salmos 126:2

Quando o Senhor trouxe do cativeiro os que voltaram a Sião, estávamos como os que sonham.

Samuel 28:15

Samuel disse a Saul: por que me inquietaste, fazendo-me subir? Então Saul disse: “Mui angustiado estou, porque os filisteus guerreiam contra mim, e Deus se tem desviado de mim, e não me responde mais, nem pelo ministério dos profetas, nem por sonhos”.



Figura 6 - Adoração dos Pastores

Kelsey reforça a idéia de que somente o conteúdo material não é suficiente para o ser humano, o espiritual é um componente de que não podemos prescindir:

“Vimos que, ao longo do Antigo Testamento, dos apócrifos e dos evangelhos, o sonho é considerado importante veículo, através do qual o Divino se comunica com os seres humanos. Essa tradição ainda continua viva na Igreja ortodoxa oriental, e existiu no cristianismo do ocidente até a cosmovisão onde Aristóteles e a ciência do século XX gradualmente ir se impondo ao pensamento do mundo ocidental. Essa visão da realidade e a nossa maneira de compreendê-la não deixam espaço para um mundo não físico, nem para qualquer experiência que dele se venha a ter. No século XIX, as pessoas mais cultas aceitavam, como coisa tácita, a conclusão de que apenas a realidade material e o pensamento fundado no racionalismo tinham sentido e levavam às únicas experiências relevantes. Não havia lugar para o sonho e a revelação e, assim, simplesmente desapareceu a concepção do sonho como uma via de comunicação com o mundo espiritual ou com o Divino.” (1996, p. 339,340).

O monge beneditino OSB, usando seu conhecimento sobre religião, fé e ciências humanas faz um apanhado sobre o papel da religião atualmente, e o relevante papel a ser cumprido para a obtenção de algo maior, a totalidade do ser:

“A fé cristã, não obstante a sua mensagem de amor, trataria cruelmente a pessoa, exigiria muito e teria em definitivo, em efeito dilacerante. Infelizmente no passado a igreja tem muitas pessoas pesando-lhe na consciência, porque as colocou em uma tensão insuportável. Por conseqüência, é uma obrigação do nosso tempo reaprender com a rica tradição espiritual da igreja e desenvolver novamente aquela espiritualidade integral que marca todas as grandes escolas cristãs, seja a do monaquismo primitivo ou da mística grega, seja a da espiritualidade inaciana, ou da mística meister Eckhart, ou de muitas grandes mulheres, que freqüentemente foram vistas com suspeita. Um espiritualidade integral não pode se permitir a pôr entre parêntesis o corpo e desleixar os sonhos. Somente quando a pessoa humana é considerada na sua totalidade, pode, ela, vir a ser completamente salva.” (2002, p. 61)

3. PSICOLOGIA ANALÍTICA E OS SONHOS

Carl Gustav Jung foi um homem que por sua genialidade destacou-se no seu tempo, possuía um conhecimento fabuloso sobre Filosofia, Alquimia, Astrologia, Antropologia, Línguas Antigas, História, Arqueologia, Física, esta somatória diversificada possibilitou a formulação de suas teorias de forma amplamente embasadas.

"Encontra, por toda parte, os elementos de suas pesquisas: em mitos antigos e em contos de fada modernos; nas religiões do mundo oriental e ocidental, na alquimia, na astrologia, na telepatia mental e na clarividência; nos sonhos e visões de pessoas normais; na antropologia, na história, na literatura e nas artes; e na pesquisa clínica e experimental." (HALL e LINDZEY, 1973: 122).

Sendo ele um indivíduo altamente investigativo, logo despertou seu interesse pelas religiões orientais, fato este que o levaria à Índia, no ano de 1938, para que pudesse ampliar seu conhecimento sobre o tema, Giglio e Giglio nos falam deste período.

"Após 1930, Jung passa a comparar o processo de individuação às vias de aperfeiçoamento propostas por certas disciplinas espirituais. De uma certa forma, ele muda sua posição de *analista-clínico-observador* para uma espécie de *hermeneuta-historiador das religiões*, e sua pesquisa não se detém no cristianismo, abrangendo também o budismo tibetano, a yoga e a alquimia ocidental. Nesta última disciplina, ele vai, pioneiramente, descobrir um conhecimento oculto que projeta na matéria constructos inconscientes, de natureza arquetípica, de tal forma que a pretensa intenção de fabricar ouro a partir de metais menos nobres significaria, metaforicamente, a transformação e evolução da psique em direção à realização do si-mesmo." (2006, p.150)

Jung utilizou seu conhecimento e perspicácia para analisar e interpretar mais de quarenta mil sonhos ao longo de sua vida, sempre afirmando a importância que eles representam para a vida diária do ser humano, a vida simbólica que atualmente encontra-se desvalorizada e relegada ao esquecimento, independente de raça, credo ou classe social.

Hall nos explica a interpretação da teoria junguiana sobre os sonhos e sua atuação na rotina dos indivíduos, quer eles tenham consciência ou não:

“Mesmo quando os sonhos não são interpretados, eles parecem às vezes ter um profundo efeito sobre a consciência vígil. Através da observação do impacto de sonhos não analisados, é possível inferir que, mesmo quando não recordados, os sonhos são parte vital da vida total da psique. Na concepção junguiana, os sonhos estão continuamente funcionando para compensar e complementar (uma forma mais branda de compensação) a visão vígil que o ego tem da realidade. A interpretação de um sonho permite que se preste um pouco de atenção consciente na direção em que o processo de individuação já está se desenrolando, embora inconscientemente. Quando bem-sucedida, tal associação de vontade consciente e dinamismo inconsciente promove e favorece o processo de individuação com mais rapidez do que é possível quando os sonhos ficam por examinar. Um benefício adicional decorrente da interpretação dos sonhos é o fato de o ego reter na memória consciente um resíduo do sonho que permite à pessoa identificar motivos semelhantes na vida cotidiana e assumir uma atitude ou ação apropriadas, resultando em menor necessidade de compensação inconsciente dessa área problemática específica.” (2005, p. 33)

Jung distinguiu entre sonhos insignificantes que trabalham problemas do cotidiano e sonhos significativos que são um caminho de transmissão da sabedoria milenar da humanidade. Esses últimos trazem símbolos que, independentes das narrativas tecidas ao redor deles pela pessoa que sonha, têm uma vida própria por serem produtos espontâneos do inconsciente coletivo. Enquanto o inconsciente pessoal é o resultado da vivência do indivíduo, os conteúdos do inconsciente coletivo não foram adquiridos durante a vida individual (Jung, 1943/1975).

Hall define com propriedade esta falta de interesse pelo sonhos, e que talvez o primeiro fator seja pela dificuldade de tradução, pelas imagens que carregam, pelo teor das palavras, porém nos alerta que independente de nossa opinião a respeito, ele estará agindo em nossas vidas, pouco importando se o valorizaremos ou descartaremos os mesmos.

“O sonho é um fragmento de realidade cuja origem é pessoal mas obscura, cujo significado é fecundo mas incerto e cujo destino no mundo do ego vígil está em nossas próprias mãos. Se o tratarmos com respeito e interesse, serve-nos de múltiplas maneiras. Se desprezarmos o sonho, ele nos impressiona de qualquer modo, operando suas transformações alquímicas nas profundezas da psique, buscando o mesmo objetivo de individuação, com ou sem a nossa ajuda consciente. Os sonhos são entidades misteriosas, com

mensagens de um amigo desconhecido que é solícito mas objetivo. Sua caligrafia e linguagem são, por vezes, obscuras, mas nunca há qualquer dúvida quanto à preocupação subjacente com o nosso bem-estar fundamental – que pode ser diferente do bem-estar que imaginamos ser a nossa meta.” (2005, p.144).

Jung nos fala sobre as mensagens que o inconsciente nos envia através dos sonhos, nos alertando para que prestemos atenção a seus conteúdos, eles trazem informações que podem nos auxiliar e por vezes até mudar o rumo de nossas vidas:

“A função geral dos sonhos é tentar restabelecer a nossa balança psicológica, produzindo um material onírico que reconstitui, de maneira sutil, o equilíbrio psíquico total. É ao que chamo função complementar (ou compensatória) dos sonhos na nossa constituição psíquica. Explica porque pessoas com idéias pouco realísticas, ou que têm um alto conceito de si mesmas, ou ainda que constroem planos grandiosos em desacordo com a sua verdadeira capacidade, sonham que voam ou que caem. O sonho compensa as deficiências de suas personalidades e, ao mesmo tempo, previne-as dos perigos dos seus rumos atuais.” (2002, p. 49).

O sonho possui características próprias, não podemos decidir o que sonhar, nem como sonhar, ou quando sonhar, assim como também não podemos alterar o enredo apresentado, quer gostemos dele ou não.

Robles nos fala sobre momentos de crise que podem ser alavancas para crescimento pessoal, e não podemos deixar de comparar tal aprendizado a um sonho em relação ao estado de vigília, onde podemos aprender das duas formas, ambos trazem conteúdos que não somente podem como devem ser aproveitados em nossa vida diária:

“Crise atrás de crise, ao longo da vida, vamos resolvendo dificuldades, enfrentando outras novas e resolvendo-as também. É como se, cada vez que resolvemos uma dificuldade, tirássemos uma casca de uma cebola, deixando à vista a que estava em baixo, coberta. E assim temos que seguir tirando as cascas até que não haja mais para tirar. Eu acredito que enquanto estivermos vivos sempre haverá cascas para tirar. Entretanto, algumas pessoas não podem tirar algumas destas cascas. Ficam presas numa espécie de círculo vicioso, repetem e repetem os mesmos erros, sem querer e sem perceber.” (2001, p. 54)

Jung faz uma diferenciação clara entre o estado de sonho e o estado vigíl, onde a consciência, quando lúcida, usa a lógica para transmitir seus pensamentos, opiniões e desejos, seqüência que não ocorre no estado de sono / sonho:

“Como já assinalei, um sonho em nada se parece com uma história contada pela mente consciente. Na nossa vida cotidiana refletimos sobre o que queremos dizer, escolhemos a melhor forma de dizê-lo e tentamos dar aos nossos comentários uma coerência lógica. Uma pessoa instruída evitará, por exemplo, o emprego de metáforas complicadas a fim de não tornar confuso o seu ponto de vista. Mas os sonhos têm uma textura diferente. Neles se acumulam imagens que parecem contraditórias e ridículas, perde-se a noção de tempo, e as coisas mais banais se podem revestir de um aspecto fascinante ou aterrador.” (2002, p. 39)

Sanford acredita que a ciência hoje, está iniciando uma investigação séria baseada em pesquisas cuidadosas e se propondo a encarar os desafios que os sonhos trazem, excluindo charlatões e indivíduos que se utilizam de amadorismo e misticismo para descrever, decifrar e compreender o conteúdo dos sonhos :

"Atualmente, estamos nos aproximando da mudança. Durante o século XX, o sonho volta a se tornar objeto válido de estudo e investigação. E temos, por exemplo, as pesquisas sérias relativas ao sono e aos sonhos que começaram a ser feitas depois da Segunda Guerra Mundial." (1988, p.15)

O sonho para efeito de compreensão pode ser comparado a uma projeção de um filme, em que somos ao mesmo tempo todos os personagens e atuamos como mocinho, bandido, santo, ou qualquer outro papel que se fizer necessário naquele enredo:

“É produzido e visto apenas por nós. Podemos dizer que somos, simultaneamente, autores, diretores, atores e espectadores dessas cenas que falam de nossa alma, onde nos reconhecemos ou não, como agente desse enredo. E, exatamente pelo fato de produzirmos, encenarmos e retratarmos experiências que o mundo real jamais nos permitiria vivenciar, é que o sonho torna-se o maior veículo para escoar nossos sentimentos. É nesse lugar que o sonhador desempenha, a seu bel-prazer, todos os papéis possíveis, desde os mais loucos aos mais santos, aterrorizantes e carismáticos, sendo capazes de converter uma emoção, de criar, produzir e construir as mais fantásticas cenas. A elaboração do sonho é um trabalho árduo para o sonhador, pois tem um sentido profundamente enraizado na vida da pessoa que o elabora.” (Site 5)

Ao pesquisar sobre os sonhos nos detivemos alguns momentos para pensar sobre como é o sonhar para os cegos. É sabido que para as pessoas cegas, o sentido que predomina ao sonhar é o da audição, os sonhos dos cegos não têm imagens, isto parece lógico, pois eles não conhecem as formas.

Errado, é o que afirma Hélder Bértolo, físico teórico da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, em seu artigo intitulado “O que “vê” quem não vê”. Bértolo confirma que ao sonhar a imaginação é o que importa, e é certo que os cegos têm extrema sensibilidade ao movimento, ao odor, ao som e ao contato.

Sabemos que todas essas sensações estão presentes também nos sonhos das pessoas que enxergam, mas como nelas o sentido da visão é o que prevalece, os outros sentidos, às vezes ficam esmaecidos, passam quase que despercebidos, ou deixam de ter tanta importância em relação ao que pode ser visualizado, Bértolo explica que:

“Sonhamos a imagem não a partir de uma fotografia arquivada na memória, mas a partir da imaginação, ou seja, a partir de uma biblioteca neuronal de semelhanças metafóricas: a imagem é meio sentimento e meio objeto. Até as próprias idéias se podem tornar objetos nos sonhos.” (2006, p.7)

Bértolo fala sobre os resultados surpreendentes que obteve em sua pesquisa com cegos congênitos, eles demonstraram que não há grande distinção entre o sonho de um cego e o de um normovisual ao comparar desenhos realizados por ambos após sonharem.

Eles descrevem as cenas sonhadas chegando a colocar pequenos detalhes, pessoas com estilos de cabelos diferentes por exemplo, características de animais, paisagens com sol, chuva, folhas frescas ou mortas, desenhos que nos lembram crianças de pré-escola desenhando colorido, com fortes contornos, detalhes elaborados com coerência, com certo exagero nas coisas e pessoas que gostam e nas que deixam de gostar também, provando que a imaginação é uma habilidade que nosso cérebro utiliza com vigor nas pessoas que não têm a visão, e através dos sonhos elas entram em contato e expressam com desenhos essa qualidade até então pouco conhecida .

“A distinção entre imaginação e realidade desaparece no sonho. Como Jean-Paul Sartre diz no livro *A Psicologia da Imaginação*, no estado onírico faltamos a “categoria do real”; a consciência fica desesperadamente prisioneira do sonho e não tem outra alternativa senão passear por entre as suas produções imaginárias. Durante o sonho, até os estímulos externos, são integrados no sonho, como dele provindo. Esta perda de ligação ao mundo real tem duas conseqüências importantes. Em primeiro lugar, as imagens visuais que são fracas ou tênues, durante o pensamento vígil, tornam-se imagens ou cenas, reais e nítidas, no sonho porque não concorrem com as distrações da vida prática, durante a qual muitas coisas competem pela atenção. Os sonhos são os exemplos mais puros da capacidade do cérebro para condensar sentimentos em imagens que formam uma estrutura narrativa. Estes enredos dos sonhos, por mais bizarros que possam parecer ao acordar, são notáveis não só pela sua vivacidade mas pela coerência que alcançam em termos de continuidade.” (2006, p.6)

Podemos complementar com Hall, que nos esclarece que este mecanismo é uma forma de compensação, não somente física, mas psíquica também, que indica qual caminho estamos tomando:

“Os sonhos podem fazer piadas, resolver problemas ou mesmo lidar com questões de ordem religiosa e filosófica. Para Jung, os sonhos são uma auto-representação do estado da psique, apresentada sob uma forma simbólica. O propósito dos sonhos, na teoria junguiana, é compensar distorções unilaterais do ego vígil; por conseguinte, os sonhos estão a serviço do processo de individuação, auxiliando o ego vígil a encarar-se a si mesmo de forma mais objetiva e consciente.” (2003, p. 121-122)

Os sonhos refletem sentimentos e atitudes que não ficaram muito bem resolvidos em nossas vidas, sentimentos mal resolvidos que incluem perdas súbitas de pessoas queridas ou o final abrupto de um relacionamento amoroso por exemplo. Geralmente, devem-se a não aceitarmos alguma verdade em nossas vidas, daí a necessidade de precisarem ficar repetindo por tempo indefinido a mesma mensagem até que assimilamos a realidade.

Por isso, nas experiências traumáticas, os sonhos constantemente revivem a cena original ou nos fazem reviver o choque, embora usando outras situações ou imagens como substituição para melhor compreensão do fato ocorrido.

“Em busca da resolução de problemas, os sonhos despertam em nós as mais distintas emoções, sempre apontando para o que desconhecemos ou não suportamos admitir, ou seja, o nosso lado sombrio. Muitas vezes quando não entendemos a linguagem do sonho ela pode se tornar perturbadora exagerando para ser ouvida - enchentes, terremotos, marés altas, precipícios - assim como uma criança que grita para chamar atenção. Assim que a imagem toma forma, o significado torna-se claro quando, a princípio, privilegiamos a contemplação à espera da compreensão psicológica. Compreender as imagens é uma tarefa difícil, portanto, não tentar decifrá-las rapidamente é da maior importância. A atitude adequada para ouvir a voz interna é de calma, pois só assim ela se tornará mais expressiva, não para dizer o que gostaríamos, mas a verdade que precisamos ouvir. Daí a importância de aprendermos a conviver com os sonhos e de usarmos técnicas que nos auxiliem nessa convivência.” (Site 6)



Sonho em Antares LCPetry 2007

Figura 7 - Sonho em Antares

Whitmont exemplifica de modo pedagógico a lógica do sonho:

“Vemos, então, que o sonho fala na linguagem simbólica arcaica da psique objetiva. Ele fala a sério e exprime, em termos simbólicos, o lado desconhecido da situação de vida da maneira que é aprendida e espelhada pelo inconsciente. Os sonhos, portanto, não são sintomáticos, mas simbólicos. Eles são simbólicos visto que a psique objetiva não conceitualiza; ela não fala inglês, francês, alemão ou chinês; ela fala *imagens*, que são as forma aborígenes de percepção e expressão...As camadas mais profundas falam através de imagens. Estas imagens devem ser consideradas *como se* nos apresentassem descrições de nós mesmos, ou de nossas situações inconscientes, na forma de analogias ou parábolas.” (2002, p. 35)

É importante neste momento discutir a título de resumo, algumas regras gerais que norteiam o sonho, pois querendo ou não, lembrando ou não, ele faz parte de nossa vida diária, é um companheiro constante e no entanto o conhecemos tão pouco.

Todo mundo sonha, mesmo as pessoas que dizem que não sonham é porque não estão conseguindo lembrar dos seus sonhos. Faz parte da nossa natureza, e é necessário para equilibrar o físico e o psíquico.

O sonho vêm para o nosso bem, e não têm a pretensão de querer assustar ou enganar. Sabemos que alguns sonhos se repetem sejam por dias ou anos seguidos, e isto ocorre para que pessoa possa em algum momento entender o que passa ao seu redor, consigo mesmo ou com situações que o envolvem.

Os sonhos variam de importância, alguns são meros ajustes de nosso dia-a-dia, outros são mais importantes, e portanto é necessário considerar seu valor simbólico e estudar o significado que eles estão nos enviando, como uma mensagem cifrada.

Tudo que surge em nossos sonhos, pessoas, animais, lugares, objetos que podem falar, são representações da nossa personalidade que se mostram, mesmo que consideremos um pouco confuso, é um modo para melhor compreendermos nosso funcionamento.

Um aspecto muito importante é saber que quando algo vêm à tona num sonho, é que o inconsciente sabe que a pessoa está preparada para enfrentar, ou necessita disso para poder viver com mais segurança e tranquilidade.

Os sonhos usam sempre a linguagem simbólica, por este motivo é preciso tomar cuidado com os "dicionários" de sonhos, o que realmente importa é aprender a conhecer os símbolos, a mitologia pode nos ajudar a interpretar os nossos símbolos, mas é necessário a nossa investigação pessoal.

Jung deteve-se num tópico relevante, o não apegar-se fielmente às figuras, ao que é dito ou sugerido num sonho, deve-se ter cautela, analisar o sonho sempre com vistas a atual situação do sonhador e somente depois tentar interpretar:

“... – Os sonhos às vezes provam ser armadilhas, ou pelo menos parece que o são. Em certas ocasiões, comportam-se como o oráculo de Delfos quando disse ao rei Creso que se atravessasse o rio Haly destruiria um grande reino. Só depois de derrotado numa batalha, após ter transporto o rio, é que descobriu que o reino a que o oráculo se referia era o seu próprio.” (2002, p.51).

Hall encerra num parágrafo, com simplicidade e sabedoria o ideal para se chegar ao grau de conhecimento e busca ideal de sabedoria pessoal, utilizando como ferramenta os sonhos.

“Que cada um encontre seu próprio caminho, voltado para o exterior, se possível, ou para o interior, se necessário. E que, em todos os casos, o nosso movimento ao longo desse caminho nos dê um sentido do mistério abrangente, embora pessoal, que permanece mais próximo de nós do que os nossos sonhos.” (1994, p. 91).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este estudo com a seguinte proposta: A busca por compreender o lugar ocupado pelo sonho na atualidade, fazendo um paralelo com a religião, que sempre o valorizou desde as mais remotas eras e agora o desconhece, e a sua importância para a psicologia analítica, visto que o sonho têm papel relevante para a análise e para o auto-conhecimento do paciente ao longo de sua vida.

No decorrer do trabalho de pesquisa confirmamos que as perguntas sobre o que são os sonhos, de onde eles vêm e o que significam, ainda estão longe de ser entendidas e respondidas, devido ao seu alto grau de complexidade e as diversas variantes envolvidas. Significados simplistas, preconceituosos ou teorias puramente racionais já não são o bastante para explicar os sonhos, pois o elemento psíquico é atuante, movimenta-se e desemboca no físico, realidade e sonho se tocam, no entanto não se misturam, cada um ocupa um lugar pré-determinado na história da evolução humana, eles são indissociáveis e complementares.

Muito mais do que possamos aceitar ou acreditar somos uma parte do Zeitgeist, e em nossa época, onde tudo pode ser considerado desde que possa ser palpável, racional, prático, mensurável, não percebemos que nossas mais simples atitudes e ações diárias são tomadas em função do apelo subjetivo do coletivo, a sociedade dita regras imperativas, seja magro, de preferência bonito, sempre sorridente, bem sucedido profissionalmente e se possível amorosamente também.

A religião por sua vez estabelece dogmas que mais aprisionam que libertam, o pecado original, inferno, ou seja, estamos recebendo cargas imensas de cobrança e informações nem sempre conexas, mas e a alma, o espírito, como ficam nesta balança com pesos tão desiguais?

É neste momento de confusão, solidão e despreparo, que a religião deveria exercer e ocupar sua real função, servir de alento ao homem, posicionar-se diante do sagrado e alavancar com seu conhecimento histórico secular a propagação do auto-conhecimento, falar sobre a importância dos sonhos, libertar seus fiéis para que redescubram a oportunidade de fazer parte da história, pois falar de Deus é falar

história do homem, que no dizer de Jung é um ser naturalmente religioso, chegando mesmo a comparar o poder da função religiosa da psique ao instinto para o sexo ou para a agressividade, devido sua importância para o bem estar do indivíduo como um todo.

Portanto, aceitar somente “uma” teoria para explicar os sonhos, seria uma temível e irresponsável redução de horizontes que não podemos nos dar ao luxo nesta nova era, onde paradigmas são quebrados, descobertas que modificam a certeza de séculos da ciência acontecem de forma quase banal, estamos num crescente descobrir, a uma velocidade sequer imaginada a poucas décadas.

Diversas pesquisas e descobertas em torno do sono estão sendo realizadas, e com os sonhos ocorrerá o mesmo proximamente, ainda não temos respostas suficientes nem conclusivas, mas temos uma única certeza, a de que devemos reunir e ouvir o que têm a dizer as diversas religiões do planeta, os cientistas, os historiadores, os filósofos, ocidentais e orientais, todos com visões bastante diferenciadas sobre o tema, mas com um mesmo objetivo, enfim, tudo é válido para que possamos dar o merecido lugar de destaque aos sonhos.

Somente quando acolhermos e compreendermos os sonhos, sabendo que eles são únicos e intransferíveis e que trazem importantes mensagens para o nosso corpo, nossa mente e nosso espírito, poderemos então orientar com mais sabedoria o caminho de nossas vidas neste longo e ininterrupto processo.

Que a psique diurna, consciente, e a psique noturna, inconsciente, continuem interagindo, para que tudo que realmente somos e tudo que poderemos vir a ser possam trabalhar em harmonia, e utilizem os sonhos como um grande aliado nesta caminhada de busca e auto-conhecimento.

“Sonhar permite que cada um e todos de nós sejamos loucos, silenciosamente e com segurança, cada noite de nossas vidas.”

(William C. Dement - pesquisador de sono e sonhos)

REFERÊNCIAS

BÉRTOLO, Hélder. **Revista Proformar. O que “vê” quem não vê?**. Bimensal. Edição 14 Março 2006. p. 6, 7.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução João ferreira de Almeida. Ed. cor. e rev. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1994.

EDINGER, Edward F. **Ciência da Alma: Uma Perspectiva Junguiana**. São Paulo: Paulus, 2004. p.14 -15.

EDINGER, Edward F. **Ego e Arquétipo**. São Paulo: Cultrix, 1992.

FISH, Jefferson Morris. **Placebo Terapia: A Fé no Processo de Cura**. São Paulo: Papyrus, 1988. p. 20 - 21.

GIGLIO, Joel Sales; GIGLIO, Zula Garcia. **Cadernos Junguianos**. São Paulo: AJB, v. 2, n. 2, p. 150, 151- 152. 2006.

HALL, Calvin S.; LINDZEY, Gardner. **Teorias da Personalidade**. São Paulo: EPU, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1973. p. 122.

HALL, James A. **A Experiência Junguiana: Análise e Individuação**. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 2003. p. 119, 121-122.

HALL, James A. **Jung e a Interpretação dos Sonhos: Manual de Teoria e Prática**. 9ª ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2005. p.33, 144.

HALL, James A. **Sonhos: Símbolos Religiosos do Inconsciente**. São Paulo: Loyola, 1994. p. 33, 36, 91.

JUNG, Carl G. **A Energia Psíquica**. Petrópolis: Vozes. 1997. p. 45 - 46, 57.

_____. **A Prática da Psicoterapia**. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 44.

_____. **Memórias, Sonhos e Reflexões**. 22ª. Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. p.145.

_____. **O Homem e seus Símbolos**. 22ª Impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. p.39, 49, 51, 53, 94, 102, 238.

JUNG, C.G. **Psicologia e Religião**. Petrópolis: Vozes. 1995. p. 10

_____. **Psicologia e Alquimia**. 2ª. Edição. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. p.566.

KELSEY, Morton T. **Deus, Sonhos e Revelação**. São Paulo: Paulus, 1996. p.134 - 135, 171, 270- 271, 298, 304, 306, 323 – 324, 339- 340, 452.

KOLOGY, Helena. **Viagem no Espelho e Vinte e um Poemas Inéditos**. Pr: Criar Edições, 2001. p.209.

OSB, Anselm Grün. **Os Sonhos no Caminho Espiritual**. Paraná: Lyra Editorial, 2002. p.14, 61.

ROBLES, Teresa. **A Magia de Nossos Disfarces**. Belo Horizonte: Diamante, 2001. p. 54.

SANFORD, J. A. **Os Sonhos e a Cura da Alma** (Dreams and Healing). 3ª Edição. São Paulo: Paulus, 1988. p.14, 15.

WHITMONT, Edward C. **A Busca do Símbolo: Conceitos Básicos de Psicologia analítica**. 5ª. Edição. São Paulo: Cultrix, 2002. p. 17, 35, 301.

SITE

1. Disponível em: <http://arcadesonhos.googlepages.com/oeuincorporeo><http://arcadesonhos.googlepages.com/oeuincorporeo>. Acesso em: fev.2008.(Traduzido do prefácio de “Adventures Beyond the Body” de William Buhlman)

2. Disponível em: <http://greciantiga.org/cie/cie02f.asp>. Acesso em: 15 de junho de 2008.

3. Disponível em: <http://www.leonardoboff.com/site/lboff.htm> A dimensão esquecida: a vida interior. 15/02/2008. Acesso em: 20 de Agosto de 2008.

4. Disponível em: http://www.jornaldosamigos.com.br/a_biblia.htm suntos. Acesso em: 21 de Agosto de 2008.

5. Disponível em: http://www.revistapsicologia.com.br/materias/abordagens/sonhos_refugioDesejos.htm. Acesso em: 20 de fevereiro de 2008.

6. Disponível em: <http://www.sbpa-rj.org.br/convivendosonhos.htm>. Acesso em: 25 de Abril de 2008. Reis, Marfisa Ramalho.

FIGURAS

<http://images.google.com.br/images>. Acesso em: 12 de Maio de 2008.